



OS CADERNOS
DOS MUSEUS
DA COVILHA
#00.2023



título

Os Cadernos dos Museus da Covilhã

ficha técnica

direção

Vítor Pereira, Presidente da Câmara Municipal da Covilhã

coordenação

Regina Gouveia, Vereadora com o pelouro de Cultura na Câmara Municipal da Covilhã

editor

Câmara Municipal da Covilhã

edição

digital on-line

design e paginação

Município da Covilhã / Divisão de Cultura

dimensão para impressão

210x297mm

propriedade

Município da Covilhã / Museus da Covilhã

endereço físico

Os Cadernos dos Museus da Covilhã, Município da Covilhã, Divisão de Cultura, Praça do Município, 6200 151 Covilhã

endereço eletrónico

cultura@cm-covilha.pt

issn

2975-9765

estatuto editorial

Os "Cadernos dos Museus da Covilhã":

_com coordenação editorial da Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Covilhã, são uma publicação dedicada à promoção e divulgação de estudos, projetos, atividades e eventos da iniciativa ou com ligação aos museus e galerias tutelados pela Câmara Municipal da Covilhã.

_têm como objetivo contribuir para o incremento cultural e artístico, tendo em vista a promoção, salvaguarda e divulgação do património cultural, material e imaterial.

_através de colaborações diversas, visam testemunhar investigações, práticas e experiências, partilhar ideias ou opiniões, bem como conceitos de índole e desenvolvimento cultural, assumindo-se como uma ferramenta cultural de informação, formação e reflexão.

_são publicados com uma periodicidade trimestral ou em conformidade com o material considerado para publicação, em formato digital, no portal do Município da Covilhã, em <www.cm-covilha.pt>.

notas

Os conteúdos apresentados são da responsabilidade dos seus autores e não podem ser reproduzidos, no todo ou em parte, sem a expressa autorização do editor e do autor.

nesta edição

índice

#3 edição zero: nota de abertura

pelo Presidente da Câmara da Covilhã, Vítor Pereira

#4 opinião

"APOM em movimento na Covilhã"

pelo Vice-presidente da APOM, Pedro Inácio

#6 investigação

"A Covilhã na configuração do Museu da Cidade"

pelo Comissário Científico do Museu da Covilhã, António dos Santos Pereira

a covilhã

na configuração do museu da cidade

Comunicação de António dos Santos Pereira.

[o presente Caderno apresenta a conferência proferida por António dos Santos Pereira, desenvolvida no âmbito da tertúlia informal "MC²: Movimentos Culturais Coletivos" e apresentada no Museu da Covilhã, a 18 de maio de 2022]

responsabilidade documental

António dos Santos Pereira

breve biografia do autor

António dos Santos Pereira (Sobral de São Miguel, 1954) é professor catedrático aposentado da Universidade da Beira Interior, após uma longa carreira que iniciou, em 1976, a ensinar Português e Literatura no Ensino Secundário. Estagiou na Universidade dos Açores (1981-1986) na área das Fontes e Problemática do Saber Histórico. Em 1987 integrou a UBI e participou no lançamento dos cursos de Sociologia, Ciências da Comunicação, Letras e outros. Tem apresentado estudos sobre as questões da Identidade com a melhor expressão na obra "Representações da Portugalidade" (2011), em cuja coordenação colaborou, e que lhe mereceu o Prémio de Mérito Científico Universidade da Beira Interior/Santander, na área das Letras. Em 2018 viu sair em edição dos CTT, profusamente ilustrado, o livro de que é autor sobre "A Indústria Têxtil Portuguesa" que suportou o recentemente considerado Melhor Selo do Mundo. Foi Presidente do Departamento de Letras da UBI, durante vários mandatos. Exerceu até julho de 2018 o cargo de diretor do Museu de Lanifícios, Centro de Documentação e Arquivo Histórico da UBI. É Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História e é também o Comissário Científico do Projeto Museográfico do Museu da Covilhã.

edição zero

nota de abertura

Tendo em vista a promoção, salvaguarda e divulgação do património cultural, material e imaterial do concelho, tem o Município da Covilhã desenvolvido um trabalho essencial, nomeadamente através dos seus Museus, o Museu da Covilhã e o Museu de Arte Sacra.

Neste contexto, e de modo a melhor comunicar alguns estudos e trabalhos que são desenvolvidos sobre temáticas relevantes para a Covilhã e para a Região, decidimos criar os Cadernos dos Museus.

Estes Cadernos pretendem publicitar assuntos essenciais ao conhecimento do território, visando sempre a sensibilização de todos para a salvaguarda do património existente.

Assim, nesta primeira edição, que aqui se apresenta como o número 0 (zero), convidou-se o Senhor Professor António dos Santos Pereira, ilustre historiador e professor catedrático da Universidade da Beira Interior, que muito trabalho tem desenvolvido sobre a história da Covilhã e de toda a Região.

Vítor Pereira
Presidente da Câmara da Covilhã

Pedro Inácio

(Vice Presidente da Associação Portuguesa de Museologia)

apom em movimento na covilhã

Nos dias 14 e 15 de outubro de 2022, a APOM-Associação Portuguesa de Museologia esteve na Covilhã, visitando diversos museus e equipamentos culturais localizados nesta bela cidade histórica da Beira Interior.

Os objetivos desta visita, integrada numa iniciativa designada por APOM em Movimento, foram totalmente alcançados, considerando ter sido um momento de encontro e proximidade, com e entre os profissionais dos museus da região, promovendo-se a troca e a partilha de experiências.

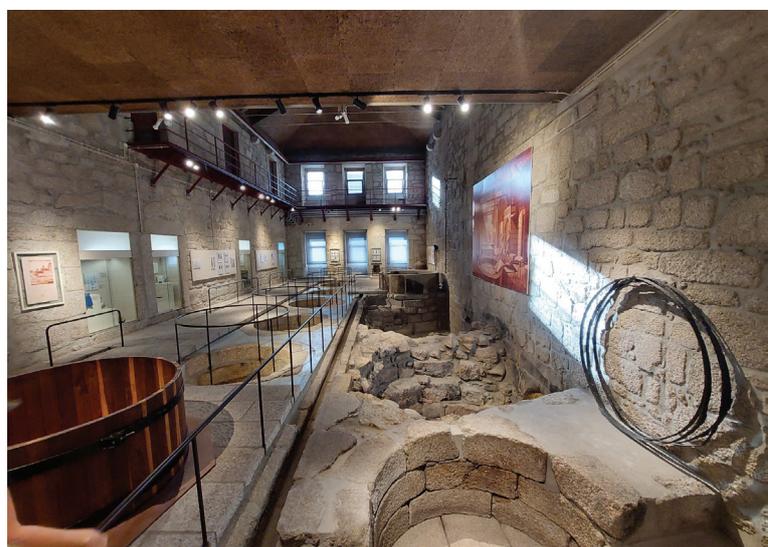
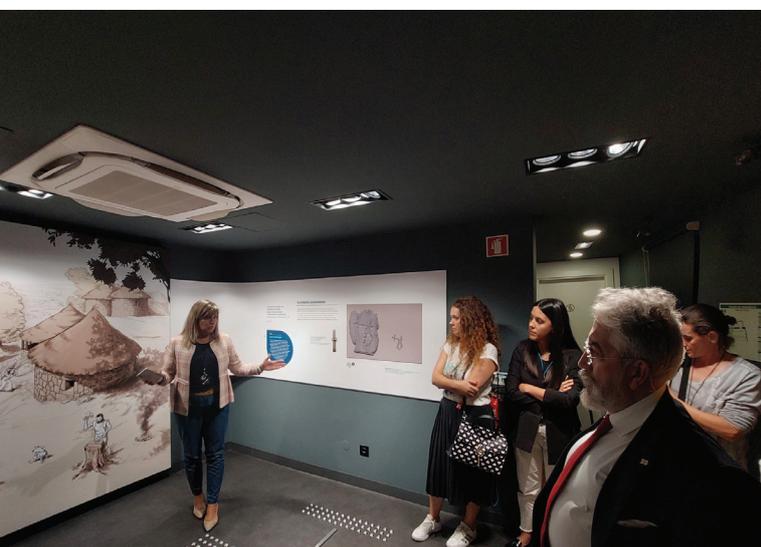
Neste âmbito foi possível apresentar e salientar, entre as diferentes categorias que integram os Prémios APOM, a importância deste reconhecimento junto das instituições museológicas já distinguidas na referida região.

Com efeito o Museu da Covilhã, que celebrou o seu 2º aniversário no passado dia 3 de agosto, mereceu uma especial atenção por parte da APOM em Movimento, já que, em maio de 2022, foi distinguido com o Prémio de Melhor Museu do Ano.

Nesse contexto, pode-se considerar que o Museu da Covilhã reúne as melhores condições para se afirmar a nível regional, nacional e internacional como um novo espaço museológico capaz de projetar a história e o património cultural material e imaterial de um vasto e importante território nacional, através de

modernas soluções arquitetónicas e museográficas, refira-se, muito bem concebidas. Por outro lado, os objetos museológicos que integram a coleção do museu, surgem bem contextualizados na narrativa expográfica.

Relativamente ao percurso museológico, merecem nota de destaque os recursos, tão apropriados como consistentes, ligado às novas tecnologias, que sustentam as boas práticas museológicas quer ao nível da acessibilidade quer ao nível da inclusão, permitindo o acesso fácil ao interior museu, qualquer que seja o perfil físico dos seus visitantes.



Nesta mesma jornada a APOM em Movimento, visitou o Museu de Arte Sacra da Covilhã e o Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Apraz registar que estes dois museus, embora tutelados por diferentes entidades, já foram igualmente distinguidos com os Prémios APOM. O primeiro, tutelado pela Câmara Municipal da Covilhã, possui uma diversificada e valiosa coleção de arte sacra, cuja apresentação poderá ser valorizada a prazo.



No que diz respeito ao Museu de Lanifícios, integrado nas instalações da antiga Real Fábrica de Lanifícios, podemos considerar que estamos perante um dos melhores museus industriais portugueses. Pelas excelentes características das suas instalações e pelo seu valioso acervo, este espaço museológico é atualmente uma referência não só na região da Covilhã, como também a nível internacional, marcando de forma indelével um posicionamento destacado em termos da arqueologia e do património industrial.

Depois de visitados os museus acima referidos, a APOM em Movimento teve oportunidade de percorrer algumas ruas da cidade, onde figuram excelentes testemunhos de Arte Urbana. Este novo conceito de arte, visto como efémera, mas muito representativa dentro das novas técnicas e tendências artísticas, projeta anual e conceptualmente diferentes usos e costumes da região. É de reconhecer que o proveito da Arte Urbana, que valida a criatividade e a imagética produzida por artistas de diferentes nacionalidades, não deixa indiferente o visitante nacional e estrangeiro, já para não falar dos habitantes da Covilhã, pelo que foi possível constatar, in loco, admiram e zelam esta manifestação artística que, em abono da verdade, não só valoriza a sua rua como também a sua auto estima.

A terminar esta jornada cultural, a APOM em Movimento visitou a New Hand Lab, uma antiga fábrica de têxteis, administrada por sucessivos empresários, os últimos dos quais patenteiam, na fachada principal, junto à porta de entrada, os seus nomes: António Estrela e Júlio Afonso. Este novo conceito de espaço cultural, afirmando-se de ser multiusos, embora muito enraizado à tradicional indústria têxtil, merece uma nota muito positiva no que diz respeito às iniciativas culturais realizadas e ao acentuado espírito de missão do atual proprietário, em querer manter vivo um equipamento cultural muito singular sustentado por um extraordinário carinho e afeto. Para além desta relação familiar e sentimental, faz jus à sua preservação e salvaguarda, o que constitui, por acréscimo, mais um valioso testemunho ligado ao património cultural da Covilhã.



António dos Santos Pereira (Academia Portuguesa de História)

a covilhã na configuração do museu da cidade

Este ensaio resulta da sùmula de conferência proferida em 18 de maio de 2022 no Museu da Cidade da Covilhã por convite da sua coordenadora, a Mestre Sandra Ferreira. Não compendiamos as imagens que então projetamos, algumas das quais a instituição comporta e a Covilhã mostra aos visitantes. Esta cidade ainda espelha, tanto no espaço urbano como no rural, todo o seu aparelho produtivo e a sua História, as virtudes do trabalho das suas gentes e o ambiente em que cresceu. Aqui, ficam algumas das questões que temos abordado em outros textos de forma recorrente e mais ampla pelo que além de um convite à visita do Museu, esperamos despertar interesse nos leitores por um conhecimento mais profundo e amplo da cidade e do seu concelho.

palavras-chave

Covilhã, cidade, foral, ambiente, museu.

“o Museu (...) é objeto de uso comum (...) Casa viva de cultura (...) canal de comunicação (...) salvaguarda de valores (...) manifestação do Espírito (...) no sentido de tornar os membros de uma comunidade menos isolados” .

introdução . _

Musealizar significa abrir varandas para o passado e projetar caminhos de futuro de forma permanente. Memória do património material, que não é possível preservar *in situ*, e do imaterial, de que há expressão, culta-escrita, ou tradição oral-popular, o museu deve configurar a alma de um povo, que é dizer a sua identidade, conservar peças significativas e encontrar o espaço e a forma mais adequados da sua exposição para fazer perceber como em dado território, que assumimos como nosso, se desenvolveram atividades humanas, laborais e artísticas, de entretenimento, de quotidiano e relação imediata com os ecossistemas, ou mediada pela criatividade, em sucessivos planos civilizacionais. O museólogo indaga para além dos materiais a melhor forma da sua exposição tendo em conta a estesia para todos os públicos-alvo. Por seu turno, a História é um saber global, complementar da Museologia, como portadora de sentido, que levanta, critica e publica diplomas, para trabalhos futuros, mas manifesta-se, sobretudo, em textos de síntese para a geração presente encontrar referências de entendimento das sociedades do passado e do presente.

Nós tomamos como missão a História da Covilhã e o enfoque em um conjunto de questões possíveis de representação no espaço privilegiado do novo Museu, que o Município quis fundar, sustentado absolutamente por si, depois dos que já dispunha no seu espaço urbano: um, sob a égide da Universidade da Beira Interior, o de Lanifícios; e outro, o de Arte Sacra que detém em parceria com o arceprelado da Covilhã. Além da colaboração quotidiana com estes, pela proximidade, deve ainda promover ações de envolvimento cultural com os que dispõe no espaço rural: Museu do Queijo, de Peraboa, Minas da Panasqueira e casas de cultura como a de José Marmelo e Silva, no Paul, e outras, e perspetivar um Museu do Azeite pela importância que este produto teve em todas as atividades da Covilhã antiga e no seu enriquecimento contemporâneo da primitiva industrialização. A oliveira foi a primeira aura civilizacional das povoações concelhias. Para sucesso da exposição permanente desta nova instituição, Museu da Cidade da Covilhã, a permuta de ideias com a equipa incumbida da mesma, liderada pela Elisabet Carceller, foi permanente e cabe-nos reconhecer a sua competência na representação das principais ideias nascidas nos foros da Arqueologia, da História, da Literatura e de outros saberes.



A Covilhã nos espelhos da História e da Arqueologia . _

“As origens da Covilhã perdem-se na bruma dos tempos, que a tradição faz remontar aos Romanos e aos Godos. Porém o seu nascimento histórico tem sido datado: a vila recebeu a sua certidão de nascimento através da carta de foral, outorgada (...) em 1186 (por D. Sancho I) e confirmada em 1217 por D. Afonso II”¹.

Colocado no coração da cidade, em edifício secular de uma antiga instituição bancária, o BNU, aqui, foram representadas, nos últimos anos, as questões que têm fermentado desde que há notícias do lugar, mormente a partir do século XII, em que dispomos do foral de 1186 e se deu início a algumas séries documentais com informações portadoras de sentido para perspetivar, nos períodos mais perturbados, a bisetriz do bem-estar para os seres vivos e a felicidade humana possível em equilíbrio com o ambiente. O primeiro dos temas e questões foi o das forças centrípetas e centrífugas na Covilhã: uma metrópole portuguesa, capaz de se projetar no mundo. O cosmopolitismo de ontem e o de hoje, o povoamento do seu território, porto de abrigo de gentes de toda a parte na larga Cova da Beira que foi quase toda da Covilhã e que o seu foral reflete e projeta para o futuro em um conjunto de temas que têm a ver com a integração e a segurança das gentes que aqui se quisessem estabelecer, mas com via aberta por todo o reino de então e o mundo português que havia de haver a partir de Quatrocentos. Há um sentido integrador que atualmente pertence ao Município na esfera da Cidadania e ao Museu/Escola/Oficina, nas esferas da Cultura e da Civilização, na projeção da alma da nova economia e da sociedade do futuro. Esta questão abriu a perspetiva de uma extensão futura do Museu em espaços mais largos para o saber fazer que pode beneficiar, na comunidade urbana, da memória nas artes têxteis e, na rural, da capacidade dos tradicionais abastecimentos de linho e lã, carvão, cera e mel, azeite, frutos secos e sagas humanas ligadas a tais atividades de fiandeiras, carvoeiros etc. Já nos preocupamos com a questão toponímica, assentamos em *cu(m) villa ou cu(m) vella*, segundo Varrão (106-27 a. C), em processo explicativo que também serve para Covelo que pode ter origem em *cum bello* e ser uma oscilação entre cubelo e Covelo, que fica lá ao fundo, nas raízes da Estrela onde a Covilhã se eleva. Um cubelo é um baluarte de defesa e a Covilhã era uma *cuvellana* e foi mesmo uma fortaleza desde a Idade Média até aos nossos dias. De facto, além do cosmopolitismo

que percorremos desde os primórdios na História da Covilhã, houve outras questões recorrentes: a toponímia; a arqueologia, onde os diplomas faltam, quando a guerra ou outra fatalidade os destruiu, o recurso aos indícios materiais; o povoamento e a migração pendular de gentes particularmente de trabalho: pedreiros, carpinteiros e serradores e gentes migrantes das safras agrícolas que ainda há e agora são globais, da castanha à cereja, do trigo e centeio ao milho e à azeitona; a questão senhorial e a questão concelhia, o castelo e o paço, outros patrimónios, das Ordens Militares (Templo-1118/Cristo-1319 e Hospitalários-1099), das Contemplativas (Cister-1098), dos Mendicantes (Franciscanos-1209 e Dominicanos-1216), e da Companhia de Jesus (Societas Iesu, S. J. ou Jesuítas-1534); a questão diocesana; A resiliência do franciscanismo e a sua importância na indústria da Covilhã, também por terem fábrica de burel; a questão muçulmana e a questão judaica e a Inquisição; a questão fiscal; a Covilhã e o Império, os participantes neste, de origem local; o Homem e a Mulher, na complementaridade dos géneros; a casa; a acumulação primitiva de capital para a industrialização; e a Covilhã nas exposições internacionais. Estas questões encontraram peças suficientemente ilustrativas para a representação da Covilhã fortaleza no colo da Estrela a nascente tendo ficado bem em realce a condição matricial de Santa Maria da Estrela, a freguesia que ficou dentro das muralhas, mas estendia território por toda a Cova da Beira.

Uma questão pouco desenvolvida entre nós põe-se sobre a imagem que fora do mundo luso se fazia do Portugal nascente no século XII e sobre as notícias que dos seus espaços se davam, por isso fomos procurar às crónicas e às representações que então destes chegavam ao mundo cheio e culto do Noroeste Europeu na segunda metade daquela centúria quando se fez a travessia da serra a partir de Seia e a Covilhã ganhou o seu foral. Os cinquenta anos em que esta se fez inspiraram-nos a primeira visão global desta situação de fronteira que deixamos em *A Fronteira Beirã no tempo de D. Afonso Henriques. Algumas notícias covilhanenses*². Quando a Covilhã nasceu para Portugal, o mundo era percebido pelas elites responsáveis e cultas do poder de acordo a Al Idrisi e à *Tabula Rogeriana* (1154), junto às águas de fora e ao mar profundo e sem limites a ocidente e abaixo da cúpula celeste de acordo ao Génesis, mas ligado às águas de dentro ou do meio, por onde se ia à Terra Santa, e às de cima, estas seguras pela cúpula celeste no empíreo, numa situação privilegiada, portanto, que

1._ Maria da Graça Vicente, «A Covilhã na Idade Média», p. 96 in *A Covilhã Antiga e o seu Património*, Coordenação António dos Santos Pereira, colaboração Maria da Graça Vicente, Covilhã, 2020.

2._ António dos Santos Pereira, «A Fronteira Beirã no tempo de D. Afonso Henriques. Algumas notícias covilhanenses» in *Atas do 2º Congresso Histórico de Guimarães*, Vol. II/ *A Política Portuguesa e as suas Relações Exteriores*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães e Universidade do Minho, 1997, pp. 201-221.

havia de seduzir a ínclita geração para a aventura dos Descobrimentos. A ligação da Covilhã a esta é matricial dado o facto de o Infante D. Henrique ter sido seu senhor, daí, a insistência sobre a Covilhã no Mundo. A primeira nomeação da Covilhã em contexto internacional pertence, no entanto, a Rogerius de Hovedene ou Roger of Howden ou Hoveden, natural do Yorkshire, que faleceu c. 1201 e conheceu o mundo das cruzadas pois consta que acompanhou o Rei Ricardo I (1157-1199), "o Coração de Leão", à Terra Santa. Esta inolvidável figura não podia ter deixado de conhecer os nossos primeiros monarcas, Afonso Henrique e D. Sancho I, e ser conhecido por eles, como também o seu cronista, que acompanhou os sucessos e os fracassos, face ao então inimigo comum, e se refere à Covilhã pela primeira vez. O seu testemunho chegou-nos em *Rerum Britannicarum Medii Aevi Scriptores, or Chronicles And Memorials of Great Britain And Ireland during The Middle Ages*, e constitui o volume III desta série, intitulado *Chronica Magistri Rogeri de Houedene* que foi editado por William Stubbs, em 1870, quando, curiosamente, a Covilhã foi definitivamente elevada à categoria de cidade. Aqui, constam as primeiras sedes episcopais portuguesas e, entre elas, a Covilhã, na referência ao seu bispo como traduzimos:

"Na terra do rei Portugalense, há um arcebispado na cidade de Braga e a mesma comporta sete (bispos) sufragâneos: o bispo do Porto, o bispo da Covilhã, o bispo de Lamego, o bispo de Viseu, o bispo de Coimbra, o bispo de Évora na fronteira sarracena e o bispo de Lisboa, junto ao Tejo"³.

Tal quer dizer que, em período muito difícil de guerra e peste, de incursões vindas de Cáceres e Badajoz, antes de 1186, das invasões almóadas de 1190 e 1191, mas contemporâneo à dada do foral à Covilhã, esta foi sede de diocese e sendo assim devia ter tido o direito à designação de cidade setecentos anos antes. Na indefinição política de então, entre um Portugal Galego e um Portugal Algarvio, a Covilhã perdeu, pois, a sede da diocese para a Guarda, onde esta ficou provisoriamente desde 1199 até aos nossos dias. Os períodos históricos mais perturbados são aqueles de que nos chegam poucos ou nenhuns documentos escritos, os ditos diplomas. Os anos finais do século XII foram de grande perturbação. A vaga originária do Norte Europeu, onde vinha aquele cronista, atravessou esta ponta ocidental da península de norte a sul e não nos parece ter sido desfavorável à Covilhã, todavia no refluxo, em 1190, a razia foi um facto com a chegada dos almóadas e as relações difíceis com Castela. Ter-se-ão, entretanto,

3._ William Stubbs (ed.), *Rerum Britannicarum Medii Aevi Scriptores, or Chronicles and Memorials of Great Britain And Ireland during The Middle Ages*, vol. III, 1870: *Chronica Magistri Rogeri de Houedene*, pars posterior, p. 177.

sedimentado os elos com o Noroeste Europeu e é bem possível que o mundo cheio de Flandres aqui chegasse com uma civilização avançada naquilo em que a Covilhã se há-de distinguir no mundo português até aos nossos dias: os lanifícios, a tinturaria e o debuxo. A presença nesta frente da Estrela daqueles artífices comporta informações extraordinárias até na toponímia. Há aqui um ribeiro de Flandres e veremos gente d'além na primeira e na segunda fábricas reais. Entretanto, as Ordens militares tinham ganho relevo senhorial face ao promovido pelos infanções, vindos da capital, então em Coimbra, e dos principais aglomerados do Planalto Beirão e do Entre Douro e Minho, sob os incentivos foralengos. Algumas décadas mais tarde, eliminado o motivo da união interna pela guerra de fossado, foi aberto conflito com a Ordem do Templo que se estabelecera em particular nas ligações ao Tejo tanto no vale do Zêzere como além da Gardunha na agora dita Beira Campo. Os anos 20 do século XIII opuseram o mundo albacastrense da Ordem do Templo e o da Covilhã de Homens-Bons concelhios em dois campos extremos. O conflito foi resolvido por intervenção do Mosteiro de Santa Maria da Estrela ou do Zêzere, mas apenas teve fim em 1230. Neste ano, uma dezena de cavaleiros deslocou-se a Castelo Branco e acordou no sentido da paz duradoura⁴. Em defesa do território concelhio e, porventura, dos privilégios que lhes vinham desde as lutas da Reconquista, os homens-bons da Covilhã enfrentaram as autoridades eclesiásticas egitanenses em Caria durante o reinado de D. Sancho II e sujeitaram esta ao concelho. A capacidade de combate destas figuras covilhanenses pelos seus interesses mantinha-se em meados do século XIII, porquanto sabemos que antes de fevereiro de 1258, contestavam pela violência, ao mosteiro de S. Jorge de Coimbra, o padroado da igreja de S. João de Arrefega⁵. Curiosamente, em 1225, tinha-nos aparecido a primeira figura com o sobrenome Covilhã, Suerius Covelliana ou Soeiro da Covilhã⁶, indiciando outras personalidades do futuro que a origem enobrece e são figuras de identidade como Pêro da Covilhã é desde o século XV. Nesta questão, foi muito debatida a questão do foral a

4._ ANTT, Gavetas 18, maço 3, doc. 18. Acordo estabelecido no mosteiro de Santa Maria de Ozezar, na presença de altas individualidades, entre elas o bispo de Viseu e o chantre da Egitânia. Sentença referida e publicada uma tradução por Alexandre Herculano, in *História de Portugal*, Livro III, tomo IV, Lisboa, pp.582-590; e também por Alfredo PIMENTA, in «Alguns documentos para a História da Covilhã», in *Subsídios para a História Regional da Beira Baixa*, Vol. II, Castelo Branco, 1950, pp. 33-34 e Maria da Graça Vicente, *A Covilhã Antiga e o Seu Património*, Coord. António dos Santos Pereira, p. 137.

5._ Maria José Diniz, *O Mosteiro de S. Jorge - Subsídios para a sua história nos séculos XII e XIII*, Dissertação de Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1961, pp. 30, 94-95 (doc. XVI) cit. In Aires Gomes Fernandes, as relações entre a Coroa e o Mosteiro de S. Jorge de Coimbra em Tempos Medievos. http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4512/1/LS_S2_17_AiresGFernandes.pdf

6._ AUC., Cartulário de S. Paulo de Almaziva, fl. 20-20v. doc. 98, pub. Maria José Azevedo Santos, *O Cartulário do Mosteiro de S. Paulo de Almaziva*, p. 147.



expor dados os vários exemplares conhecidos, a opção maior foi pelo da "Leitura Nova", pela beleza da escrita, a sua ligação estética ao Foral Novo de 1510 e pela presença da subscrição de Damião de Góis, o humanista português de maior envolvimento internacional no século XVI. A representação das figuras maiores da Covilhã do tempo não nos ofereceu dúvidas a não ser de seleção.

Os pergaminhos medievais que nos chegaram merecem alguma representação por mostrarem uma vida intensa dentro das muralhas na antiga freguesia de Santa Maria do Castelo, as relações com as mais antigas freguesias do termo como Aldeia de Joanes e uma íntima ligação ao monarca que lhe sancionou a feira (1260) e o município financiou nos projetos de conquista do Algarve e fundam ainda no tempo alguns topónimos da cidade como a Praça do Pelourinho (1324). Ali se remete para as mais antigas instituições de foro coletivo como as assistenciais que precedem a sua vetusta Misericórdia (1511).

Vencida a peste negra de meados do século XIV, alguma regeneração havida, logo sobreveio uma demorada crise nos finais do século XIV com uma opção nefasta tomada pelo seu alcaide-mor, Afonso Gomes da Silva, pelo partido de Castela que impôs a elaboração de um tombo das propriedades régias em 1395 que nos deu um dos primeiros espelhos produtivos locais mais completos. Confirmadas nos séculos posteriores as praças-fortes de Monsanto, Penamacor e Almeida, estas serão guarnecidas com gentes da Covilhã e as populações fronteiriças refugiaram-se nos territórios da Cova da Beira junto ao Zêzere nos períodos de conflitos mais demorados dos séculos XVII e XVIII: a Restauração e a Guerra da Sucessão de Espanha. Quando a vetusta sede concelhia perdeu protagonismo defensivo, ganhá-lo-á o Fundão mais bem colocado nas rotas que do Litoral conduziam a Castela como se há de verificar na Guerra da Sucessão de Espanha que não será indiferente ao aumento do seu sentido de autonomia e formação de um novo e grande município. Para

além das informações escritas que nos chegaram e iluminam em particular estas terras desde o século XVI, sobre a matéria, já apresentamos muita informação e dispomos de texto longo à espera de edição. Cumpre-nos antes percorrer as páginas que a arqueologia nos oferece.

A arqueologia de alguns lugares da Beira fá-los remontar a tempos pré-históricos muito antes das marcas mais visíveis dos tempos da Reconquista. A história mais primeva da Covilhã põe face a face as tribos lusitanas e os romanos, na Beira do Zêzere, o nosso Rio do Ouro. No Museu da Cidade, fixamos o momento com o castro de Orjais que é o seu mais primevo espelho, esboço e paradigma da Covilhã. A arqueologia no espaço urbano deve ocupar-se do castelo e das muralhas, da evolução do seu templo ou templos mais representativos e dos aparelhos produtivos. Entre os templos, urge a localização das sinagogas, a mais antiga e medieval, as Quinhentistas, e a Oitocentista. Da ocupação romana, além das pedras de Orjais e outras, passamos ainda pelo tesouro da Borracheira, que o Prof. Manuel Heleno levou para o Museu Nacional de Arqueologia. Faltam-nos representações do período godo e muçulmano. Os topónimos Alcaide, Alcaria, Ozezar e Degoldra são testemunhos no terreno e acentuamos a nossa opção por utilizarmos esta forma nos nossos trabalhos, quando nos referimos à ribeira a ocidente do núcleo central da Covilhã, por esse facto. Além do aparelho defensivo, o castelo e a muralha, há um outro mais escondido, mas também antigo e edificado que é o das levadas, minas, encanamentos de água e fontes. A água mereceu-nos destaque e figuração. Não há vida sem ela e a indústria covilhanense dependeu sempre deste primevo recurso. Ao nível humano, socio-administrativo não descuramos a representação hierárquica nas figuras de maior relevo, senhor, alcaide-mor e capitão-mor ao longo dos tempos. O património ligado à alcaidaria-mor era extensíssimo e abrangia terras em toda a Cova da Beira.



A questão do foral de 1186 é nuclear na História da Covilhã e prolonga-se até ao arranque da sua industrialização pois traz consigo um privilégio que foi bem aproveitado pelos empreendedores e mercadores locais e permitiu aquilo que se classifica como acumulação primitiva de capital e pôs a Covilhã em lugar privilegiado, abundante de matérias-primas e água e aberto aos rebanhos e às gentes na rede de caminhos e canadas portuguesas do Interior até aos nossos dias. Toda a área do antigo concelho era rica em matérias-primas não só para as indústrias rurais como semirurais e urbanas e manifestava no aglomerado com a Rua da Pelitaria, a Ferraria de S. Paulo, a Olaria Velha de Santo André, e a adega da igreja de Santa Maria. Nós observamos a mineração desde as antigas areias do Zêzere e das suas ribeiras até às minas *ex-libris* do concelho em termos planetários, estudadas, historiadas e musealizadas, as da Panasqueira.

Não é difícil provar ter sido o património religioso o mais marcante até ao processo de laicização, mais acelerado a partir da Revolução Liberal e levado a termo pelo Republicanismo. As reformas liberais e a perda de património no espaço rural pelas freguesias do concelho, durante a afirmação da democracia monárquica de Oitocentos e o alastrar da primeira onda republicana, fizeram reduzir o número das freguesias urbanas. Algum daquele edificado eclesiástico perdeu-se. Outro viu esquecer a função de ligação geracional. Já aduzimos a questão das sinagogas e das mesquitas perdidas nas esferas judaica e muçulmana. Entre as perdas na cristandade, conta-se a da abadia de Santa Maria do Zêzere ou da Estrela, que teve património fundiário em vários lugares da Cova da Beira e o principal edificado na Boidobra. Parte do património franciscano ou foi derrubado ou afeto a outras funções, mas os seguidores do "Pai Seráfico" dispuseram de três estabelecimentos com uma dimensão considerável no antigo concelho: S. Francisco e Santo António, na Covilhã; Nossa Senhora do Seixo, no Fundão; e uma Ordem Terceira, que resistiu mesmo depois daqueles

extintos. Não houve culto mais invocado do que o do altar privilegiado de Nossa Senhora da Conceição da Covilhã com um raio muito largo de devotos desde as primeiras décadas do século XVII. O arcaísmo da invocação de Nossa Senhora das Cabeças, de Orjais, com polaridades em outros lugares, pode remeter a cultos anteriores dado o contexto em que a sua ermida se localiza e merece uma atenção particular.

A configuração das atividades laborais da Covilhã é campo fértil desde o século XIV e põe as atividades transformadoras na linha da frente dos lanifícios portugueses desde a institucionalização da sua feitoria no século XVI e das fábricas reais, em duplicado, na Covilhã e no Fundão, na segunda metade do século XVII, por influência do mercantilismo do Conde da Ericeira e, na segunda metade do século XVIII, por vontade esclarecida do Marquês de Pombal. A Real Fábrica de Panos, a Real Fábrica Veiga, a Campos Melo e todas as outras, com as râmolas que ainda hoje orlam a cidade, são o testemunho da superioridade produtiva no setor que a cidade adquiriu em Portugal e mereceram-nos o volume *A Covilhã Industrial e Universitária*. Realçamos que os panos da Covilhã equiparam as armadas da Índia. Também é digna de relevo a participação nas sucessivas exposições universais ao longo do século XIX e nas portuguesas que se fizeram desde o XVIII e estimularam a melhoria da qualidade dos seus produtos. Este futuro foi garantido quando tudo parecia mudar, primeiro, depois da catástrofe natural de 1755, ainda no modelo mercantilista e, sobretudo, depois que o sistema liberal se implantou em Portugal e permitiu que a energia dos seus empreendedores e a competência dos seus profissionais aqui demonstrassem a capacidade de fazer qualidade no mundo dos lanifícios. As vicissitudes dos nossos dias com a redução no empenho laneiro de camadas mais largas da população não nos leva a negar o passado, mas a ver nele ainda as ditas bissetrizes que mostram tudo o que sempre houve para além dos panos e é possível mostrar em Museu.

Também nos moveu a questão social e nesta, a da habitação, que tínhamos visto em outras partes, Ferreira de Castro tratara em *A Lã e Neve*, e veio repetidamente à nossa colação. Houve uma atenção muito especial aos bairros operários que pontuam o espaço urbano da Covilhã. A habitação foi uma extensão da fábrica pois nesta se levavam a cabo algumas tarefas de ultimação. Na Covilhã, além da iniciativa municipal, deve ainda salientar-se a privada e a estatal na resolução deste problema sempre candente. Por outro lado, houve ainda preocupação em fazer perceber como o Centro Cívico da Cidade evoluiu e em deixar para o futuro a representação das paisagens do passado no seu Museu.

conclusão . _

A Covilhã atingiu hoje o esplendor como cidade universitária. O antigo era feito de fábricas de lanifícios na cidade e de denso aparelho produtivo nos campos agrícola e transformador. Tivemos a honra de dirigir durante sete anos o Museu de Lanifícios que é o seu mais simbólico e efetivo testemunho, mas a vida das gentes não se esgota dentro das fábricas daqueles e a abertura de um museu de sentido mais global e uma história mais funda justificava-se. A cidade tem nos seus arcanos algumas das figuras portuguesas de mais larga envergadura portuguesa: D. Sancho I, D. Dinis, o Infante D. Henrique, o Marquês de Pombal, D. Luís. Ela mesma gerou e gera outras de relevo, que vão muito para além do local, como se provou com Pêro da Covilhã, Heitor Pinto e a genealogia dos Mendes Veiga, dos Campos Melo, dos Castro. Tem, sobretudo, nela as forças que lhe garantem identidade, integração e futuro e essas são as do povo no seu todo. Este revê-se hoje nas dinâmicas docentes, científicas e académicas da sua universidade, na força das suas associações culturais, desportivas, assistenciais, mas também no envolvimento de uma natureza rica que urge potenciar para uma economia do futuro que é inteligente, circular e amiga do ambiente e não exclui ninguém por questões de classe, ocupação, cor da pele, ideologia, religião e sexo, é igualitária e valoriza todos os espaços sem exceção.

bibliografia . _

FERNANDES, Aires Gomes, «As Relações entre a Coroa e o Mosteiro de S. Jorge de Coimbra em Tempos Medievos», *Lusitania Sacra*, 2ª série, 17 (2005), pp. 331-376.

MENDES, José Amado, *Estudos do Património. Museus e Educação*, Coimbra, imprensa da Universidade, 2009.

PEREIRA, António dos Santos, «A Fronteira Beirã no tempo de D. Afonso Henriques. Algumas notícias covilhanenses» in *Atas do 2º Congresso Histórico de Guimarães*, Vol. II/ *A Política Portuguesa e as suas Relações Exteriores*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães e Universidade do Minho, 1997, pp.201-221.

A Covilhã Antiga e o Seu Património, Covilhã, CMC, 2020.

A Covilhã Industrial e Universitária, Covilhã, CMC, 2022.

António Salvado Sêpalas da claridade de um poeta Global, Porto, Edições Afrontamento, 2022.

Sobral de S. Miguel: Vertentes do Património e da Comunidade Aldeã, na Asa da Estrela, a Meio de Portugal, Covilhã, Câmara Municipal da Covilhã, 2020

«A questão toponímica e a identitária da Beira e da Covilhã», in *Stellae. Revista de Arte*, UBI, 2019.

SALVADO, António, *Museu e Comunidade e Outros Textos*, S. L., Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, 2018.

SANTOS, Maria José Azevedo, *O Cartulário do Mosteiro de S. Paulo de Almaziva*, Coimbra, Coimbra Editora Lda, 1981.

STUBBS, William (ed.), *Rerum Britannicarum Medii Aevi Scriptores, or Chronicles And Memorials of Great Britain And Ireland during The Middle Ages*, (vol. III). *Chronica Magistri Rogeri de Houedene*, 1870.



The image shows the cover of a notebook. The background is a solid green color. In the center, there is a large, stylized arch shape composed of several concentric layers of blue and teal. The text 'OS CADERNOS DOS MUSEUS DA COVILHA' is printed in white, uppercase letters, centered within the arch. The word 'OS' is on the first line, 'CADERNOS' is on the second line, 'DOS MUSEUS' is on the third line, and 'DA COVILHA' is on the fourth line. The letters 'O', 'S', 'D', 'O', 'S' in the second and third lines are colored in a light teal, matching the innermost layer of the arch.

OS CADERNOS
DOS MUSEUS
DA COVILHA